

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/350978594>

HISTÓRIA DE EMPRESAS NO BRASIL

Book · April 2021

CITATIONS

2

READS

763

3 authors:



Luiz Fernando Saraiva
Universidade Federal Fluminense

68 PUBLICATIONS 121 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Alexandre Macchione Saes
University of São Paulo

54 PUBLICATIONS 102 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Alcides Goulart Filho
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

18 PUBLICATIONS 20 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



ALCIDES GOULARTI FILHO
ALEXANDRE MACCHIONE SAES
organizadores

Coleção Novos Estudos de
História Econômica do Brasil

HISTÓRIA DE EMPRESAS NO BRASIL



HUCITEC EDITORA

HISTÓRIA DE EMPRESAS NO BRASIL

Universidade Federal Fluminense

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marco Otávio Bezerra

Ronaldo Gismondi

Silvia Patuzzi

Vágner Camilo Alves

ALCIDES GOULARTI FILHO
ALEXANDRE MACCHIONE SAES
organizadores

Coleção Novos Estudos de
História Econômica do Brasil

HISTÓRIA DE EMPRESAS NO BRASIL



HUCITEC EDITORA

© 2021 Alcides Goularti Filho e Alexandre Macchione Saes
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil, v. 3

Equipe de realização

Editor responsável: Renato Franco
Coordenador de produção: Ricardo Borges
Revisão: Beatriz Maia e Graça Carvalho
Normalização: Camilla Almeida
Projeto gráfico, capa e diagramação: Natália Brunnet
Supervisão gráfica: Marcio André Baptista de Oliveira

A utilização da imagem da obra *Greve* (1950),
de Cândido Portinari, foi autorizada graciosamente por
João Cândido Portinari, titular dos direitos de autor do artista.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

H673 História de empresas no Brasil / Alcides Goularti Filho e Alexandre Macchione Saes (organizadores); organização geral da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e Luiz Fernando Saraiva. – Niterói : Eduff; São Paulo : Hucitec, 2021. – 448 p. : il. ; 21 cm. – (Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil, v. 3)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-013-6

ISBN 978-65-86039-72-6

BISAC BUS077000 BUSINESS & ECONOMICS / Corporate & Business History

1. Brasil – Condições econômicas. 2. Empresas brasileiras – Aspecto histórico. I. Goularti Filho, Alcides. II. Saes, Alexandre Macchione. III. Título. IV. Série.

CDD 330.981

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos (CRB7-4700)

Direitos desta edição cedidos à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja
Icaraí - Niterói - RJ CEP 24220-008 - Brasil
Tel.: +55 21 2629-5287
www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
São Paulo - SP CEP 04110-020 - Brasil
Tel.: +55 11 3892-7772
www.huciteceditora.com.br
lerereler@huciteceditora.com.br

Impresso no Brasil, 2021.
Foi feito o depósito legal.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Prefácio | 7 |
| <i>Luiz Fernando Saraiva Teresa Cristina de Novaes Marques</i> | |
| Apresentação | 15 |
| <i>Alcides Goulart Filho Alexandre Macchione Saes</i> | |
| Parte I | |
| História de empresas como área de pesquisa | 21 |
| História de empresas e história econômica do Brasil | 23 |
| <i>Flávio Azevedo Marques de Saes</i> | |
| A trajetória da <i>business history</i> no século XX | 37 |
| <i>Alexandre Macchione Saes Caroline Gonçalves</i> | |
| A teoria <i>business groups</i> revisitada: uma perspectiva a partir de eixos estruturantes | 61 |
| <i>Armando Dalla Costa Angelo Brião Zanella</i> | |
| História de empresas e economia institucional: interlocuções e proposta de aplicação | 111 |
| <i>Guilherme Grandi</i> | |
| Presença dos centros de memória empresariais na pesquisa de história econômica e das organizações | 135 |
| <i>Flávia Borges Pereira Silvana Goulart</i> | |

| | |
|---|------------|
| Parte II | |
| Estudos regionais | 151 |
| A trajetória da Companhia Inglesa de Cocais <i>Fábio Carlos da Silva</i> | 153 |
| A chegada da grande empresa internacional no Brasil: o caso da <i>Imperial Mining Brazilian Association</i> (IMBA) <i>José Alex Rego Soares</i> | 171 |
| Uma história da indústria paraense: memórias e trajetória <i>Leila Mourão Miranda</i> | 197 |
| A grande empresa concessionária dos ervais do antigo sul de Mato Grosso (1883-1949) <i>Paulo Roberto Cimó Queiroz</i> | 231 |
| A Celesc na eletrificação de Santa Catarina <i>Fábio Farias de Moraes</i> | 267 |
| Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro: uma trajetória de déficit financeiro e desenvolvimento econômico <i>Alcides Goulart Filho</i> | 297 |
| Breve história do Grupo Gerdau <i>José Lannes</i> | 329 |
| A história da Metal Leve S.A.: ciclo de vida empresarial em país periférico <i>Jaques Kerstenetzky</i> | 359 |
| Construindo o Brasil: da formação ao evolver do Grupo Votorantim (1891-2018) <i>Gustavo Pereira da Silva</i> | 399 |
| Sobre os autores | 445 |

Prefácio

Ao publicar o terceiro volume da Coleção *Novos Estudos de História Econômica no Brasil*, dedicado à História de Empresas, o público que acompanha as iniciativas da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) tem a oportunidade de examinar as mais recentes contribuições nesta área. O livro *História de Empresas no Brasil* reforça a importância de um campo do conhecimento de longa tradição entre nós, que esteve presente desde os primeiros esforços para reunir pesquisadores da História Econômica e promoveu o primeiro grande intercâmbio de ideias em um evento científico. Há 30 anos (1991), realizou-se a 1^a Conferência Internacional de História de Empresas, nos espaços da Universidade Federal Fluminense (UFF) e sob a organização da saudosa professora Maria Bárbara Levy.

A quantidade de trabalhos de pesquisadores de História Econômica que não encontravam espaço para um debate aprofundado sobre seus achados nos fóruns acadêmicos habituais era tamanha que dois anos após a primeira conferência, em 1993, decidiu-se criar a ABPHE. O evento de inauguração da Associação teve lugar na Faculdade de Administração e Economia (FEA) da Universidade de São Paulo (USP) e recebeu o nome de I Congresso Brasileiro de História Econômica e 2^a Conferência Internacional de História de Empresas. Ressalte-se ao leitor que o descompasso entre a numeração do Congresso e da Conferência – e que até hoje persiste – é mais do que um elemento anedótico da vida dos integrantes da ABPHE. Revela o papel precursor do campo da História de Empresas no esforço de congregar pesquisadores em torno de uma associação voltada para o debate e para a divulgação de contribuições científicas sobre o passado econômico do país.

Se considerarmos o cenário internacional do debate em torno da História Econômica, percebemos que a iniciativa brasileira preencheu uma lacuna importante – e com grande *sincronia*. Criada sob a inspiração de instituições congêneres que existiam no exterior há décadas, a ABPHE responde, hoje, pelo mais importante e mais duradouro espaço de discussão do campo da História Econômica e da História de Empresas. No mundo, a mais antiga associação científica data de 1926, quando foi fundada a *Business History Society*, nos Estados Unidos da América. No mesmo país, a *Economic History Association* surgiu em 1940. Vinte anos depois, um consórcio internacional de pesquisadores levou à criação da *International Economic History Association* (IEHA) em 1960 e, em 1975, registramos a fundação da *Economic and Business History Society* (EBHS).

Esses compassos e descompassos entre as duas disciplinas ajudam a entender que, em certo sentido, a História de Empresas é uma dimensão interna e subsidiária da História Econômica, algo semelhante à história das finanças ou aos recortes temáticos regionais. Simultaneamente, a trajetória das empresas, ao longo do tempo, alimenta uma área de estudos autônoma, com problemáticas e metodologias próprias, principalmente, em países nos quais a expansão capitalista criou uma miríade de organizações empresariais. A História de Empresas, ou empresarial, dedica-se a investigar organizações surgidas a partir do desenvolvimento das forças mercantis e capitalistas desde, ao menos, o século XVI. Podendo ser autônoma em relação à História Econômica, a História de Empresas adquire grande potência teórica e metodológica quando incorpora os grandes problemas do desenvolvimento econômico.

Com respeito ao debate teórico, o campo da história empresarial se beneficia das reflexões de pensadores da Economia Política, a exemplo de Adam Smith, Jean Baptiste Say, Karl Marx e Joseph Schumpeter. Mais recentemente, Edith Penrose e Douglass North oferecem importantes contribuições ao campo a partir de estudos integrados à escola da Nova Economia Institucional. Também há significativa contribuição de historiadores, a exemplo de Henri Pirenne e poderíamos acrescentar ainda a contribuição de Fernand Braudel, principalmente quando se trata de empresas centenárias.

Braudel ressalta o *jogo* entre as estruturas que permaneceram e foram determinantes para o crescimento e manutenção das empresas nesse longo período e as mudanças e rupturas pelas quais atravessavam as economias regionais, nacionais e internacional.

Por constituir um aspecto da trama social que envolve o processo produtivo, a empresa representa uma unidade de compreensão da atividade econômica para a qual convergem as relações capital-trabalho, as relações entre empresa e o sistema financeiro, a relação entre a empresa e os consumidores de seus produtos. Eis a razão pela qual a história das empresas constitui um desafio àqueles que se dedicam a investigar a sua operação, porque as várias dimensões contidas na unidade produtiva requerem aportes teóricos diversos.

As dificuldades inerentes ao exercício investigativo da história empresarial vão além da complexidade das referências teóricas necessárias para se compreender as unidades produtivas no ambiente do capitalismo de mercado. Em termos práticos, os pesquisadores se deparam com a dificuldade de acesso às fontes originais, uma vez que poucas empresas, especialmente no Brasil, têm o cuidado de preservar a sua memória. A despeito disso, sabe-se que a empresa, se tomada como um fenômeno social, deixa vestígios na forma de balanços, de propaganda, de manifestações em defesa dos interesses dos investidores junto aos poderes públicos. Ressalte-se também a importância da memória de antigos trabalhadores e de gerentes, que constituem fontes indispensáveis para preencher a aridez dos documentos contábeis com lembranças da interação humana. A memória de antigos participantes da empresa pode revelar aspectos significativos das relações de poder envolvidas no processo produtivo. Tais fontes podem compensar a ausência ou as falhas na documentação original das empresas. Por todas essas razões, os exercícios investigativos de história de empresas podem contribuir decisivamente para a compreensão do dinamismo da economia ao tomar o fenômeno produtivo na sua dimensão individual, ou micro.

Coube à professora Eulália Maria Lahmeyer Lobo – uma das fundadoras da ABPHE em 1993 e uma das anfitriãs da primeira Conferência de História de Empresas em 1991 – destacar a importância da história empresarial em obra coletiva publicada no

ano de 1997. No capítulo de sua autoria que integra a obra *Domínios da História*, Lobo já mostrava a força da área ao afirmar que “a história empresarial começou tardiamente [1970], mas apresenta um grande dinamismo no Brasil” (LOBO, 1997, p. 349).

Também devemos à professora Lobo a importante contribuição para o estudo das condições de vida dos trabalhadores que viviam na capital do país no início do século XX – o Rio de Janeiro. Ainda que publicadas há mais de 40 anos, as obras desta professora seguem insuperáveis. Ciente de que os dados estatísticos disponíveis sobre aspectos decisivos da vida social eram falhos, a professora Lobo procurou reconstituir informações sobre salários de operários, custo de vida, hábitos de alimentação, custo de moradia e tantos outros indicadores que faziam transparecer a vida de milhares de pessoas ocultas por trás dos números. Muito deste esforço de compreensão das condições de vida dos trabalhadores resultou do acesso às velhas fichas de empregados em empresas, a livros-registro de salários e outros tantos materiais de uso cotidiano e que, com o tempo, transformam-se em testemunhos preciosos de um tempo passado.¹

Uma empresa é uma unidade produtiva em que se combinam insumos, mão de obra e gerência para resultar em produtos ou serviços. Uma empresa é também o lugar onde as pessoas passam longas horas dos seus dias a realizar tarefas repetitivas em troca de remuneração. É um ponto de referência na paisagem urbana e nela interferem os sons, os cheiros, o movimento de cargas que participam da produção. O movimento de entrada e de saída de operários que trocam de turno na linha de produção compõe o cotidiano de gerações de pessoas que ganharam o sustento desta forma. A empresa é igualmente uma unidade política, onde relações de poder de variadas naturezas se exercitam. Nela, operários aprendem a agir solidariamente contra injustiças que vivenciam. A partir dela, os empresários dialogavam entre si e com os agentes

¹ Maria Bárbara Levy (1942-1992) e Eulália Maria Lahmeyer Lobo (1924-2011) foram duas importantes historiadoras econômicas e de empresas; cada uma, a sua maneira, deixaram contribuições essenciais para as duas áreas. Mais informações sobre a vida e obra dessas autoras, ver: abphe.org.br/homenagens.

do Estado quando desejavam que a polícia interferisse em greves de trabalhadores, ou desejasse obter crédito e benefícios fiscais.

A história de empresas, como gênero, vive na encruzilhada entre enaltecer o empresário, ou a marca de uma empresa, e oferecer uma janela de observação para numerosas questões sociais, desde as condições a que os trabalhadores se sujeitam, como já se comentou acima, ao ambiente de negócios que prevalece na sociedade. Neste particular, os historiadores que praticam o gênero no Brasil têm à sua disposição um conjunto amplo de reflexões teóricas de historiadores e economistas estrangeiros, mas que devem ser ajustados às circunstâncias do país. Os capítulos que compõem esta obra testemunham este esforço de reflexão teórica e histórica.

A maior parte dos trabalhos registrados neste volume foi discutida e aperfeiçoada nos fóruns da ABPHE. Nas últimas três décadas, a Associação vem promovendo encontros que contam com crescente participação. Além disso, os programas de pós-graduação continuam com a participação de estudantes e pesquisadores das várias áreas da História Econômica. Também os “espaços” de divulgação dedicados ao campo aumentaram consideravelmente; além da revista da Associação – *História Econômica & História de Empresas* –, criada em 1988, diversos outros periódicos científicos possuem seções especiais para as temáticas da nossa área.²

Por tais razões, o campo da história empresarial continua muito vivo e responde às inquietações sociais com imaginação histórica e criatividade teórica. O presente volume também dialoga com outros dois livros *gestados* dentro da ABPHE e exclusivamente dedicados à temática. O primeiro, publicado em 1997 – com uma segunda edição em 2002 –, foi o *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico* dentro da coleção Estudos de História

² De 1993 até 2019 os Congressos Nacionais de História Econômica e Conferências Internacionais de História de Empresas apresentaram um total de 1.658 trabalhos, com uma média crescente por edição do evento; cf. no site da ABPHE (abphe.org.br). A Revista História Econômica & História de Empresas publicou nos últimos 22 anos cerca de 315 artigos e resenhas, como também pode ser visto na página da revista (hehe.org.br).

Econômica do Brasil, a que esta atual coleção faz tributo. O livro foi organizado por Tamás Szmrecsányi (primeiro presidente da ABPHE) e Ricardo Maranhão e continha principalmente os textos dos trabalhos apresentados no evento promovido pela ABPHE quando a Associação foi criada em 1993. Em 2008, mais uma vez Tamás Szmrecsányi, associado a Armando Dalla Costa (presidente de nossa associação entre 2011/2013) e a Adriana Sbicca Fernandes, organizaram o livro *Empresas, Empresários e Desenvolvimento Econômico no Brasil* com novos textos e novas pesquisas na área.

Assim, o presente volume representa um elo de continuidade com uma das áreas mais fundamentais (e fundantes) da História Econômica entre nós. Ao mesmo tempo, mostra ao público leitor a vitalidade das pesquisas ao apresentar textos elaborados mediante problemáticas renovadas. Coube novamente a dois presidentes da Associação, Alexandre Machione Saes (2015/2017) e Alcides Goulart Filho (2019/2021) organizar esta obra.

Entre as inovações cumpre destacar a alentada e densa primeira parte “História de empresas como área de pesquisa” que, como o próprio título sugere, aborda em cinco capítulos várias discussões pertinentes ao *fazer* da História de Empresas. Das suas aproximações e distinções com a História Econômica, passando pela evolução do campo ao longo do século XX e importantes teorias que sustentam a área – como a teoria de *business groups* e a (nova) Economia Institucional –, essa seção se encerra com a pertinente discussão (e nem sempre presente) entre a História Econômica e a Memória. O tema emerge a partir da questão do acesso à documentação de empresas, o que, por vezes, se faz por intermédio de centros de memórias empresariais.

A segunda parte é dedicada aos “Estudos Regionais” e segue a tradição de publicações e de eventos da área ao apresentar um panorama diversificado (espacial, teórico e metodologicamente). Não se trata, no entanto, de mais um agrupamento de *estudos de caso* sem conexões entre si. De fato, os vários capítulos abordam conjuntos de empresas de naturezas distintas e com trajetórias distintas, mas que traçam um roteiro de quão diversificado o campo pode ser. Nessa seção, vemos estudos de empresas estrangeiras dedicadas ao setor

minerador com trajetórias bastante longevas, passando por instituições de capital privado e atuação local ou regional em diversos setores. Também podemos saber mais sobre empresas públicas dedicadas a setores como eletrificação e transportes e ainda a história de grandes empresas privadas que desapareceram, ou que sobreviveram a despeito do difícil e tortuoso processo de modernização e de industrialização que nossa economia vem atravessando desde o final do século XIX até os dias atuais.

Por tudo isso, saudamos a história empresarial renovada mostrada nas páginas deste livro. O objetivo expresso dos autores é manter a tradição de inovação e de produção acadêmica de excelência da ABPHE e, neste processo, oferecer a estudantes e a pesquisadores da área elementos para ampliar seu conhecimento da história econômica do Brasil.

Luiz Fernando Saraiva
Organizador Geral da Coleção
Novos Estudos de História Econômica do Brasil

Teresa Cristina de Novaes Marques
Sócia da ABPHE e ex-editora da HEHE

Referências Bibliográficas

- LOBO, E. M. L. História empresarial. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 317-249.
- COSTA, A. D.; FERNANDES A. S.; SZMRECSÁNYI, T. (orgs.). *Empresas, empresários e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MARANHÃO, R.; SZMRECSÁNYI, T. (orgs.). *História de empresas e desenvolvimento econômico*. 2 ed. São Paulo: Edusp; Hucitec; Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

Apresentação

Em 1996, a Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) publicou o livro *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*, obra organizada pelos professores Tamás Szmrecsányi e Ricardo Maranhão e editada pela Edusp e Hucitec. O livro era uma seleção de textos apresentados na 2^a Conferência Internacional de História de Empresas e no I Congresso Brasileiro de História Econômica, eventos realizados na Universidade de São Paulo em 1993.

História de Empresas e Desenvolvimento Econômico foi publicada como parte da exitosa coleção da ABPHE¹ que disseminava os resultados de pesquisa apresentados nos eventos da associação de 1993. Naquela oportunidade, os artigos que acabaram sendo reunidos na coleção eram, em sua maioria, resultados de pesquisa de historiadores econômicos com trajetórias consolidadas. Muitos dos trabalhos eram desdobramentos de pesquisas de doutorado ou mesmo de produções derivadas de linhas de pesquisa enraizadas na historiografia brasileira.

O livro voltado para a temática de história de empresas, contudo, fugia à regra. Conforme justificavam os próprios organizadores daquele volume, “à maioria [dos trabalhos] é de autores estrangeiros, tendo em vista que se trata de um campo de estudos ainda recente e pouco sedimentado entre nós” (SZMERCSÁNYI; MARANHÃO, 2002, p. viii). Afinal, somente nos anos 1990, os estudos de história de

¹ A coleção também era composta pelos livros: *História econômica do período colonial*, organizado por Tamás Szmrecsányi, *História econômica da Independência e do Império*, organizado por Tamás Szmrecsányi e José Roberto Amaral Lapa, *História econômica da Primeira República*, organizado por Sérgio Silva e Tamás Szmrecsányi, e *História econômica do Brasil contemporâneo*, organizado por Tamás Szmrecsányi e Wilson Suzigan.

empresas começavam a alcançar alguns centros de pesquisa latino-americanos, tais como no México e na Argentina. No caso brasileiro, Maria Bárbara Levy aparecia como uma liderança na área, tendo não somente produzido relevante obra sobre a história econômica do Rio de Janeiro, como também sido a responsável pela organização da 1^a Conferência Internacional de História de Empresas, germe da própria formação da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica. Seu prematuro falecimento acabou por fragilizar o processo de disseminação no país dos métodos e teorias que vinham sendo produzidos internacionalmente sobre história de empresas, não obstante sua introdução da clássica obra *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas* (1994) fizesse um relevante balanço dos desdobramentos internacionais da área àquela altura.²

O livro de história de empresas da ABPHE de 1996, também um relevante roteiro de estudos para interessados na área, estava dividido em seis eixos: História de empresas como área de pesquisa; Trajetória das empresas multinacionais; Empresários e trabalhadores num mundo em transformação; Investimentos italianos na América Latina; Estudos de casos de empresas brasileiras e estrangeiras; e, o Estado e as empresas de serviços públicos. Vale destacar como a discussão mais teórica sobre a área era resultado de contribuições de autores estrangeiros, assim como os artigos sobre as multinacionais e sobre os investimentos italianos na América Latina. Os trabalhos de autores nacionais se concentravam, por outro lado, na tradicional temática presente na literatura nacional sobre as conflituosas relações de trabalho nas indústrias e sobre o papel dos empresários no desenvolvimento econômico brasileiro.

Nesse sentido, a discussão teórica sobre história de empresas e as evidências históricas sobre as empresas brasileiras eram ainda objetos completamente dissociados. Isso não significa que estudos sobre empresas fossem ausentes no país, pelo contrário. Não eram poucas as obras que retratavam o processo de origem da indústria brasileira, tanto por meio de análises mais panorâmicas,

² O livro foi resultado da tese para professor titular, defendida por Maria Bárbara Levy na UFRJ em 1988.

como mesmo por meio de estudos de caso. Também presentes eram os estudos sobre empresas de serviços públicos, como empresas de energia elétrica e ferrovias. Mas tais obras não se preocupavam em dialogar com a literatura internacional de história de empresas; ora discutiam os desafios da origem da indústria como desdobramento do debate cepalino, ora enfatizavam os embates sobre as relações de trabalho, com forte influência de autores marxistas, ou inclusive, acompanhavam a trajetória das empresas priorizando a análise das disputas entre grupos políticos e das relações entre empresários e o Estado.

Passados praticamente 25 anos da publicação da tese de titular de Maria Bárbara Levy e da realização dos eventos inaugurais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História Econômica de 1993, esta presente obra é parte de uma nova coleção da ABPHE – Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil. Reproduzindo o modelo da primeira coleção, cada volume busca apresentar o estado da arte dos grandes temas estudados pelos pesquisadores que tem participado dos eventos e das atividades da Associação. Evidentemente que depois de mais de duas décadas, ao comparar os volumes da nova coleção com os pioneiros, será possível avaliar o percurso, os novos temas e as novas perspectivas teóricas da pesquisa de história econômica no Brasil. Vale destacar, por exemplo, que a nova coleção possui um volume dedicado à História do pensamento econômico, temática que tem recebido especial atenção pelos pesquisadores brasileiros nos últimos anos, mas que não foi objeto da primeira coleção.

No caso deste *Estudos de história de empresas no Brasil*, por outro lado, já podemos verificar a crescente assimilação da fronteira do campo da história de empresas no país. A primeira parte da obra, “História de empresas como área de pesquisa”, demonstra a preocupação dos pesquisadores brasileiros de estabelecerem maior diálogo com a chamada teoria de *business history* desenvolvida nos Estados Unidos e na Europa. Armando Dalla Costa e Angelo Brião Zanela, assim como Guilherme Grandi, produzem importantes sínteses de vertentes da história de empresas, respectivamente por meio dos diálogos com a teoria de *business groups* e da economia institucional.

A apropriação do aporte teórico internacional permite a comparação das trajetórias das empresas nacionais com a das empresas estrangeiras; ou, inclusive, a análise das diferentes estratégias de expansão das empresas e dos recursos empresariais usados para a superação dos desafios de cada conjuntura. Isso não significa, entretanto, que a incorporação das teorias não tenha que ser feita com a devida mediação das especificidades históricas de cada localidade, matéria devidamente discutida no artigo inaugural do livro, de Flávio Saes, sobre a história de empresas e a história econômica do Brasil. A trajetória da *business history* no século XX, artigo de Alexandre Saes e Caroline Gonçalves, reitera esse dilema entre teoria e especificidade histórica. Narrando a origem da história de empresas nos Estados Unidos como parte dos estudos de história econômica, o artigo mostra como a autonomização da área se deu ao mesmo tempo que paradigmas, como o chandleriano, produziam tipos ideais para compreender o desenvolvimento empresarial.

Finalmente, a primeira parte é encerrada com os artigos de Flávia Borges Pereira e Silvana Goulart, representantes da Associação Brasileira de Memória Empresarial, que levantam relevantes questões sobre a preservação da memória empresarial. Conforme as pesquisadoras indicam, vivemos um duplo desafio: se a preservação dos acervos das empresas é manancial fundamental para futuros pesquisadores de história de empresas, por outro lado, os Centros de Memória Empresarial também precisam criar suas estratégias para sobreviver dentro do ambiente corporativo.

A segunda parte do livro, “Estudos regionais”, apresenta um rol diversificado sobre trajetórias de empresas atuantes no Brasil. Se a edição pioneira dos anos 1990 tinha uma parte voltada aos artigos sobre investimentos estrangeiros e multinacionais, o presente livro reitera a importância da presença do capital estrangeiro na economia brasileira com os dois primeiros artigos: Fábio Carlos da Silva e José Alex Rego Soares contribuem para o volume com artigos sobre os investimentos ingleses no setor de mineração durante o século XIX, discutindo, respectivamente, os casos da Companhia de Cocais e da *Imperial Brazilian Mining Association*. Os artigos ressaltam como as operações das empresas, se valendo da expansão

do capitalismo para uma periferia escravista, estavam mediadas de irregularidades e especulações financeiras.

Os artigos seguintes, de Leila Mourão Miranda e de Paulo Roberto Cimó Queiroz, relatam histórias de empresas que se misturam com histórias regionais. No caso da pesquisa de Leila Miranda, sobre a indústria paraense, a autora faz uma grande síntese do desenvolvimento da indústria do Pará, das primeiras iniciativas do século XVIII ao século XX, indicando a contínua interação entre o desenvolvimento industrial e os movimentos das economias extrativista e agrícola, mas sem negar a importância da industrialização de Belém e da centralidade do bairro do Reduto na produção de uma dinâmica econômica e social industrial na região. Paulo Cimó, por seu turno, discute a trajetória da Cia. Mate Laranjeira, empresa concessionária do comércio de Erva Mate, uma das principais atividades econômicas da região do sul do Mato Grosso entre os séculos XIX e XX.

As contribuições de Fábio Faria de Moraes e Alcides Goulart Filho reiteram temas relevantes de nossa historiografia. Enquanto Fábio discute o papel da Celesc na eletrificação de Santa Catarina, Alcides acompanha a trajetória da Cia. de Navegação Lloyd Brasileiro, empresa que desempenhou papel central para o transporte marítimo nacional. Os autores acabam revelando uma dimensão importante do desenvolvimento econômico brasileiro, isto é, o da presença do Estado no suprimento de atividades decisivas para o crescimento da economia como um todo. Ressaltando os limites da disseminação do capitalismo na periferia, os artigos demonstram como no Brasil determinadas atividades somente foram viabilizadas para a sociedade por conta das iniciativas do Estado.

Os três últimos artigos do livro tratam de grandes empresas brasileiras cujas histórias se desenrolaram ao longo do século XX. José Lannes escreve sobre a do grupo Gerdau; Jaques Kerstenetzky retrata a história da Metal Leve; e, Gustavo Pereira da Silva acompanha a trajetória do grupo Votorantim. Os artigos mostram como, por volta de meados do século XX, a economia brasileira tornou-se mais complexa, de maneira que a indústria passou a cumprir um papel cada vez mais relevante como determinante da dinâmica econômica nacional.

Em suma, *Estudos de história de empresas no Brasil* apresenta não somente sínteses e debates de caráter mais teórico sobre a pesquisa em história de empresas, como também, por meio de um conjunto diversificado de estudos de casos, oferece perspectivas metodológicas e abordagens para novas pesquisas na área. Não obstante, um último comentário ainda é digno de nota. Passadas duas décadas da publicação de *História de empresas e desenvolvimento econômico*, os estudos de caso sobre as empresas brasileiras ainda pouco incorporaram a literatura internacional de história de empresas como instrumento de análise. Seria esse um sintoma de atraso dos estudos de história de empresas realizados por pesquisadores brasileiros ou, por outro lado, um sinal de que as teorias nem sempre são suficientes para responder as questões propostas pelos pesquisadores?

Isto é, o significativo papel do Estado na economia brasileira ao longo de quase todo o século XX; a presença das multinacionais desde o início do processo de industrialização do país; a diversidade das economias regionais, entre outros aspectos, torna a experiência das trajetórias empresariais brasileiras suficientemente específicas para que algumas proposições interpretativas sejam necessariamente reavaliadas. Parece-nos que *Estudos de história de empresa no Brasil* cumpre esse papel de confrontar olhares e apreciações de caráter mais universal com as dinâmicas empresariais de nossa história econômica que se construíram por trajetórias particulares. Esperamos que essa problematização entre o universal e o específico, ou entre as teorias e os casos, possa estimular tanto a maior disseminação de pesquisas de história de empresas, como também que os pesquisadores brasileiros passem a participar mais dos fóruns internacionais de *Business History*, confrontando nossa experiência histórica, com as abordagens dominantes internacionalmente.

Alcides Goularti Filho
Alexandre Macchione Saes

Criciúma, São Paulo
janeiro de 2020